

Musica

Brasília, rock e pertencimento



» VLADIMIR CARVALHO
Cineasta

Depois de inaugurada, Brasília tomou seu destino nos dentes e caminhou firme abrindo-se para a vida como amplo canteiro em que aos poucos seriam lançadas as sementes de uma possível identidade, o que só ocorrerá em longa e demorada gestação. De todo modo, aqui se encontrava o terreno virgem e sem memória, onde tudo estava por acontecer. Foi então que, vencendo resistências e preconceitos, surgiu a Universidade de Brasília, trazendo consigo todo um séquito do que havia de melhor na inteligência brasileira, a fina flor das artes e das ciências. Para ficarmos só no âmbito das artes, mobilizou-se o cinema de Nelson Pereira dos Santos, Paulo Emilio Salles Gomes e Jean Claude Bernardet; as artes plásticas de Athos Bulcão, Vicente do Rego Monteiro, Rubem Valentim e Glênio Bianchetti; o time da arquitetura incluía o gênio criador de Oscar Niemeyer; e a música erudita pontificou sob a batuta notável de Cláudio Santoro. Noutra esfera não menos importante — a da cultura popular — o samba, arte do povão, ficou por conta da presença de modestos servidores dos ministérios, sobretudo dos que vinham já saudosos do carnaval e das suas escolas de samba do subúrbio carioca. Nessa mesma linha espontânea, o folclore chegou e sobrevive até hoje pelo esforço solitário de Teodoro do Boi, mestre incontestado que, com seu Bumba, marcou indelevelmente nossa paisagem cultural.

E foi nesse cenário, quase exclusivo de funcionalismo público, de tecnocratas, professores e servidores da diplomacia que surgiram as primeiras gerações adventícias ou nascidas na capital. Justamente no período de surda, mas intensa luta pelo

restabelecimento das liberdades democráticas, entre os anos 1970-1980. De forma insuspeita, mas em perfeita consonância com as condições políticas e históricas da cidade e do país, aqueles moços ainda adolescentes, alguns recém-chegados do exterior, enfrentaram o vazio cultural e, sem opções de lazer, se inquietavam sob os pilotis de suas quadras, como aquele ser entediado “sentado embaixo do bloco / sem ter o que fazer / olhando as meninas que passam”, da música do Trovador Solitário, o hoje celebrizado Renato Russo. Imantados de dispersos sentimentos punham em marcha, talvez sem perceberem, o seu ensaio de utopia, quando as guitarras eram pouco mais que um brinquedo.

Essa eclosão de um movimento musical que já dura mais de 25 anos se configura como a mais autêntica resposta às peculiaridades de Brasília e do estado de coisas vivenciado por aqueles bravos rapazes e suas estridentes bandas, moldadas no “faça você mesmo” dos proto-punks. Esse rock and roll, que ganharia visibilidade nacional, é o mais bem-sucedido produto de toda a cultura saída da estufa brasiliense. O documentário que resultou de registros e entrevistas que realizamos desde 1987 e da observação ininterrupta da trajetória dos três conjuntos principais, Legião Urbana, Capital Inicial e Plebe Rude (com participações importantes de Herbert e Hermano Vianna, que viveram aqui e, no Rio de Janeiro, abriram caminho para o pessoal de Brasília) narra os lances mais relevantes dessa jornada, que ficou conhecida como o rock de Brasília. A pesquisa garimpou especialmente o período que se inicia na década de 1980, e não dispensou a correlação existente entre

a vida social e política da cidade como sede do poder, ambiente por onde transitam as magnas questões nacionais e a formação intelectual de jovens da classe média local, atraídos pela música, estabelecendo-se forte noção de pertencimento e identificação com a capital.

Em *Rock Brasília — era de ouro*, filme que abre hoje o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, debruçamo-nos sobre esse tempo em que a Turma da Colina dava os primeiros passos, motivada pelos apelos da cena roqueira, ocasião em que eclodiram os feitos intramuros e as inocentes noitadas da banda-mãe, a festejada, embora de vida efêmera, Aborto Elétrico. A nossa intenção foi recompor o caminho da rapaziada com o pé na estrada como numa homérica travessia, ilustrando-a com os eventos mais significativos até a repercussão nacional e o sucesso fora dos limites do Distrito Federal. A empostação está também, e quem sabe, principalmente, nas vicissitudes e dificuldades de quem se aventurou, ainda sem nome nem experiência, em busca de um lugar no mirabolante mundo do showbusiness. Isso inclui todo o ritual de iniciação, a revoada para o Rio de Janeiro e São Paulo, toda uma ralação de quem estava habituado ao aconchego da família, a peregrinação por gravadoras, as eventuais e, às vezes, temerárias incursões em programas de tevê, os contatos sempre difíceis com os chefões superpoderosos do negócio fonográfico. Enfim, a memória de uma jornada de vida que ainda não se esgotou, que mistura lances dramáticos e, ao mesmo tempo, divertidos, permeados pela extraordinária força juvenil diante dos desafios da existência.